

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA:
A IDENTIDADE CULTURAL
NA LITERATURA MOÇAMBICANA DE MIA COUTO

Paula Helena Nacif Pereira Pimentel Ferreira (UNIGRANRIO)
phnacifppferreira@gmail.com

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira (UNIGRANRIO; UNIFESO)
jhumbertoo@uol.com.br

José Geraldo da Rocha (UNIGRANRIO)
rochageraldo@hotmail.com

Adriana da Silva Castro (UNIGRANRIO)

RESUMO

Este trabalho analisa a obra literária de Mia Couto: *O dia em que explodiu Mabata-bata* (1986), aonde a identidade cultural de Moçambique é apresentada de forma lírica, emaranhando a realidade sócio histórica e o místico em um jogo simbólico. Dentro desta perspectiva, será realizada uma análise de como a obra literária de Mia Couto se faz presente na abordagem dos textos: “A Literatura e a Vida Social”, de Antonio Candido, e “Quem precisa de identidade?”, de Stuart Hall. No conto, Mia Couto usa sua criatividade inventiva para transformar a realidade da guerra de Moçambique, que perdurou por quinze anos, em ficção. Os conflitos que fizeram parte da história de Moçambique marcaram a sociedade com minas terrestres e racismo, mas não destruiu a força das tradições culturais. Entranhados na memória, na história e no cotidiano dos moçambicanos, a guerra e a morte se depararam na tenacidade dos sonhos por paz e liberdade.

Palavras-chave: Moçambique. Mia Couto. Literatura. Sociedade. Identidade

1. Introdução

Este trabalho está dividido em quatro eixos que abordarão pontos importantes da identidade moçambicana, o escritor Mia Couto, o conto comentado e a identidade e a obra literária. Em cada eixo será refletido sobre as questões culturais e identitárias de Moçambique.

Mia Couto, em sua obra literária, traz para o conhecimento do seu leitor a realidade da sociedade moçambicana que foi marcada por uma guerra civil que perdurou por aproximadamente dezesseis anos e está entranhada na memória e história de seu povo.

A construção de um ideal nacional, empenhado com o anticolonialismo, dando enfoque nas temáticas próprias da “nação”, mesmo sem ainda a tê-la, está incluso nas obras de literaturas africanas de língua por-

tuguesa, desde seus primórdios. Logo, quando esses países africanos se tornam independentes, vai existir a necessidade de “recriar” a tradição destruída pelo colonizador, no propósito de “criar”, de fato, a nação. Nessa esperança de reconstrução, aparece Mia Couto com uma narrativa comprometida em trazer nos aspectos culturais do povo moçambicano uma identidade nacional, pois como ele é essencialmente “um atento ouvitor de casos e histórias da boca do povo” explana em sua escrita “traços herdeiros de um realismo descritivo, socialmente revelador”. (LARANJEIRA, 2001, p. 197)

Moçambique foi uma colônia portuguesa que, como toda colônia, sofreu com as vontades impostas pelos seus colonizadores. Portugal explorou suas riquezas naturais e impôs a sua cultura aos moçambicanos durante anos. Moçambique se tornou independente em 1975 e em 1977 teve início a guerra civil que deixou cicatrizes na população. Milhões de mortos e uma realidade social com rastros da guerra, de preconceito e de miséria.

O dia que explodiu Mabata-bata foi escrito durante o período da guerra civil e meio a tamanha brutalidade que, no entanto, não apagaram o sonho de mudanças e transformações sociais.

No conto, o personagem Azarias, um menino que trabalhava para o tio no pastoreio da manada, some, após a explosão do boi que seria utilizado no loboto, com medo da reação de seu tio que vivia debochando dele por conta de sua aproximação com os animais. Azarias não tinha oportunidade de estudar e quando pôde, foi o que exatamente o que pediu ao seu tio para voltar com os bois que estavam com ele. Ele queria a oportunidade de ir à escola que não lhe foi oferecida, pois não teria direito era órfão, já haviam feito o favor de ficar com ele.

O boi explodiu após pisar em uma mina terrestre deixada nos campos, durante essa guerra civil que se assolava em Moçambique na época, e foi esse o mesmo fim de Azarias que, após ouvir de seu tio que poderia estudar, correu de felicidade. Ndlati era ave do relâmpago que foi usada pelo autor para buscar o personagem. A magia no conto, o místico que vem para suavizar a atrocidade da guerra e suas consequências.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

2. A identidade moçambicana

A identidade é um tema que apesar de ter sido discutido amplamente, não se esgota. Não se esgota porque está sempre em construção e sofre alterações de acordo com as interações sociais e grupos de pertença.

Analisando a dinâmica identitárias, é importante ter clareza que cada indivíduo pertence a diversos grupos sociais dentro de um momento histórico. Cada um desses momentos vai mostrar a identidade de um grupo em um determinado tempo.

Na história de Moçambique, houve vários momentos históricos que modificaram toda uma estrutura de funcionamento dos grupos, interação com o outro e novas identidades a partir desses novos contatos sociais.

Moçambique antes da chegada dos portugueses, no período anterior a colonização, era povoada por povos primitivos bosquímanos caçadores e recoletores. Por volta dos anos duzentos e trezentos da Era Cristã, ocorreram as grandes migrações dos povos bantos⁴⁷. Esses povos tinham hábitos guerreiros e forçou a fuga dos povos originais para regiões mais pobres de recursos.

Ainda no século VI, iniciaram as relações comerciais na costa. Essas foram realizadas pelos suáhil-árabes que tinham interesse em produtos do interior, principalmente o ouro e marfim que eram trocados com os árabes por artigos de origens diversas.

No final do século XV, Portugal inicia a penetração, por conta do ouro e das especiarias asiáticas.

O objetivo português não era só o de controlar o escoamento do ouro como também o de ter acesso as zonas produtoras. Como no Brasil⁴⁸ a exploração da metrópole passou por várias fases. Em Moçambique iniciou com o ouro depois marfim e os escravos.

Os sistemas de prazos⁴⁹, como o feudalismo, efetivaram o escoamento desses produtos, caracterizando a colonização portuguesa. A abo-

⁴⁷ Povos de hábitos guerreiros, oriundos dos Grandes Lagos.

⁴⁸ Foi colônia portuguesa que teve a exploração do pau-brasil, cana-de-açúcar e ouro.

⁴⁹ Espécie de feudos de mercadores portugueses que ocuparam uma porção de terra doada, comprada ou conquistada.

lição desse sistema propiciou ainda mais o tráfego de escravos, mesmo após a abolição oficial.

Portugal foi forçado a realizar a ocupação efetiva do território moçambicano na conferência de Berlim. Entretanto, Portugal não possuía condições militares nem tampouco financeira, logo, a alternativa viável foi o arrendamento da soberania e poderes de várias extensões territoriais a companhias majestáticas⁵⁰ e arrendarias.

A colonização portuguesa foi marcada por lutas truculentas que impuseram lutas de resistência aos moçambicanos. Efetivamente, a pacificação de Moçambique pelos portugueses só aconteceu recentemente, no século passado.

Para a libertação da opressão e o fascismo de Portugal, os moçambicanos tiveram que ir à luta. A FRELIMO⁵¹ (Frente de Libertação de Moçambique), fundada em 1962, foi quem comandou a luta de libertação Nacional.

Eduardo Mondlane foi o presidente à frente da FRELIMO iniciando a luta de libertação Nacional em 1964. Após ser assassinado, Samora Machel assumiu a frente e proclamou a independência em 1975. Sendo que nos anos 80, o país viveria um novo conflito armado dirigido pela RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique) que só teve fim em 1992 com a assinatura do acordo de paz entre a FRELIMO e RENAMO. Em 1994, o país realizou suas primeiras eleições multipartidárias.

Após todo momento de colonização e de guerra civil que Moçambique viveu, foi necessário a busca de uma identidade nação. Segundo Benedict Anderson⁵² (2005), a nação é uma comunidade política imaginada e que é planejada ao mesmo tempo limitada e soberana:

É imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão. (ANDERSON, 2005, p. 25)

⁵⁰ As companhias majestáticas ou privilegiadas eram companhias privadas portadoras de uma carta de concessão de um governo que lhes conferia o direito a certos privilégios comerciais.

⁵¹ Esta organização representa a fusão de três movimentos: UDENAMO (União Nacional Democrática de Moçambique), MANU (Mozambique African National Union) e a UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente).

⁵² Foi um cientista político estadunidense, professor emérito na Universidade Cornell e irmão do historiador marxista Perry Anderson.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Para Zygmund Bauman⁵³ (2004), a concepção de “identidade nacional” não foi criada de maneira natural, e sim de maneira planejada intencional na prática humana e do desenvolvimento de sociedades: “A ideia da identidade nasceu na crise de pertença e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade à semelhança da ideia” (BAUMAN, 2004, p. 26). Em outro aspecto, a ideia de pertença de um “povo” é adequada quando os indivíduos possuem a ideia de direito e deveres de cidadania (SMITH, 1999). Benedict Anderson (2005), assinala que as novas nações que surgiram após a 2ª Guerra Mundial se formaram com uma característica diferenciada: “um grande número dessas nações (sobretudo não europeias) adotaram línguas oficiais europeias [...], foram buscar ao nacionalismo linguístico europeu o seu ardente populismo e ao nacionalismo oficial a propensão política para a russificação” (ANDERSON, 2005, p. 157). Para ele, o que favoreceu a construção das nações foi o sentimento de pertença, onde o “nós” baliza o símbolo do nacionalismo e a teoria da legitimidade política, onde as fronteiras étnicas não atravesse as fronteiras políticas. Moçambique encaixa-se neste contexto, pois para a independência, foi preciso unificar os três movimentos que contestavam a ocupação colonial portuguesa. Para Eduardo Mondlane⁵⁴, a consciência de patriotismo dos moçambicanos na luta contra a ocupação colonial teve seu ápice com a contribuição efetiva dos intelectuais moçambicanos, inspirando à unidade nacional. “Foi na escola que começaram a organizar-se. O próprio sistema de educação português constituía para eles um forte motivo de descontentamento”. (MONDLANE, 1969/1995, p. 95)

Stuart Hall em quem precisa de identidade (2004), vem questionar para que a identidade no sentido da construção dessa identidade ser o fator das formas de relacionamento de poder dentro da sociedade.

... as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, na-

⁵³ Recebeu os prêmios Amalfi (1989, por sua obra *Modernidade e Holocausto*) e Adorno (1998, pelo conjunto de sua obra). É professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

⁵⁴ Foi um dos fundadores e primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), a organização que lutou pela independência de Moçambique do domínio colonial português. O dia da sua morte, assassinado por uma encomenda-bomba, é celebrado em Moçambique como Dia dos Heróis Moçambicanos.

turalmente constituída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, p. 109)

Stuart Hall (2004) aponta a questão da identidade e para além dela. Reflete sobre o conceito de identificação no campo psicanalítico e discursivo sem limitar-se a eles, definindo a como “um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção”. Dentro desta perspectiva, não há uma totalidade e está sujeita ao “jogo” da *différance*.

E uma vez que, como um processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento, e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui. (HALL, 2004 p. 106)

A identificação como a identidade está em formação, em processo de construção. A identificação é o que nos inclui aos grupos de pertença, é construída a partir do reconhecimento de alguma característica ou origem em comum com outras pessoas.

Homi K. Bhabha aponta um outro conceito (1988, p. 73):

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade.

Moçambique passou por vários processos de identidade e identificação. Foi colônia portuguesa, passou por vários momentos de luta para se tornar uma Nação.

Na concepção de Severino Ngoenha (1998), a identidade moçambicana é o resultado da criação de uma Nação moçambicana e que, na sua percepção, significa que é o ponto de partida das lutas por liberdade dos moçambicanos. Ainda de acordo com Severino Ngoenha, “a existência da Nação moçambicana depende da capacidade do projeto político de resolver as rivalidades e os conflitos entre grupos sociais, religiosos, regionais ou étnicos, segundo regras reconhecidas como legítimas”. (NGOENHA, 1998, p. 31)

Sobre outro ponto de vista, Elisio Macamo (2001) considera a identidade moçambicana como sendo difícil de caracterizar. Aborda como causas as questões política e histórica e, em contrapartida, o fato da identidade ainda estar em construção.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

3. O escritor Mia Couto

Mia Couto, *Antônio Emílio Leite Couto*, nasceu em Beira no dia 05 de julho de 1955. Estudou em Beira, capital da província de Sofala, em Moçambique. Ganhou o codinome de Mia porque era apaixonado por gatos e também porque o seu irmão mais novo não conseguia pronunciar seu nome. Com catorze anos, alguns de seus poemas foram divulgados no jornal "*Notícias da Beira*". Três anos após, em 1971, mudou-se para a capital de Moçambique, atual Maputo. A medicina foi seu primeiro interesse acadêmico, mas desistiu desta área no terceiro ano, exercendo então a profissão de jornalista em abril de 1974. Desempenhou esta função na *Tribuna* até suas instalações serem destruídas em setembro de 1975, por colonos que resistiam à independência. Tornou-se gestor da Agência de Informação de Moçambique (AIM) e construiu ligações de representantes entre as províncias moçambicanas durante o período de luta pela libertação. Logo após, trabalhou como gestor da revista *Tempo* até 1981 e permaneceu na função do jornal *Notícias* até 1985.

Em 1983, *Raiz de Orvalho*, seu primeiro livro de poesias foi publicado, que, de acordo com algumas interpretações, contém poemas contra a publicidade marxista militante. Depois de dois anos, abdicou sua função de gestor para dar continuidade aos seus estudos acadêmicos sendo que na área de biologia.

Mia, além de ser estimado um dos mais admiráveis escritores de Moçambique, é o que possui o maior número de suas obras traduzidas. Em diversas obras de sua autoria, inova a língua portuguesa recriando com uma extensão moçambicana, fazendo uso do léxico de múltiplas regiões do país e desabrochando um novo modo de produção nas narrativas africanas. Seu primeiro romance, publicado em 1992, *Terra Sonâmbula*, recebeu o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995 e foi identificado com um dos dez melhores livros africanos do século XX por um júri criado pela Feira do Livro do Zimbábue. A 25 de novembro de 1998, foi nomeado Comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. Em 2007 fundou uma empresa de estudos ambientais da qual é colaborador. (Sociedade dos Poetas Amigos, 2012)

Mia Couto, em dez de junho 2013, foi homenageado, recebendo no Palácio de Queluz, o Prémio Camões, entregue diretamente pelas mãos do presidente de Portugal Cavaco Silva e, também, da presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

4. O conto: O dia em que explodiu Mabata-bata

O conto "O dia em que explodiu Mabata-bata", traz para a reflexão a história de um país marcado pela violência da guerra, de como acontecem as relações de poder e de como o místico e o religioso estão representados na história daquela sociedade.

Azarias, menino órfão criado pelo seu tio que tinha uma única obrigação na sua vida: ser útil às necessidades de seu tio. Era motivo de zombaria e era excluído das relações sociais do seu grupo.

Tão cruel quanto quem reage à guerra é a crueldade de quem reage ao sistema político implementado no conto pelas relações de família e trabalho. O personagem vive em um trabalho semiescravo que o oprime e o marginaliza, ainda mais que a guerra.

A convivência de Azarias era com a manada de seu tio e quando o boi do lobolo explodiu, Azarias achou que era seu fim, conforme sua autoimagem no seio familiar. Azarias era só um menino que queria estudar, que tinha as suas crenças e que lutava por um mundo melhor, aonde só a escola poderia fazer isso por ele.

Ndlati, era a ave que causou o fim de Mabata-bata, a ave do relâmpago. Seus dejetos eram responsáveis por levar as pessoas e coisas e que no final do conto leva o personagem Azarias a um incrível voo. Ndlati o levou porque sabia que mais uma vez esse menino não teria oportunidade... Azarias sonhava. Sonhar almeja a recriação e à consistência, mesmo como metáfora da revelação contida na explosão do Mabata-bata. Sonhar permite romper com os limites impostos e propicia o caminho da morte para a vida. Ele não precisava de mais uma decepção, principalmente, de quem ele acreditava ser o responsável que poderia fazer seu sonho se tornar realidade.

No conto, Mia Couto traz a cultura e os ensinamentos africanos na presença da avó Carolina e do seu elo social com Azarias. A importância dos mais velhos e como ela, e só ela, foi capaz de fazer com que ele saísse da escuridão.

Segundo Carmen Lúcia Tindó Secco (1996), citando Nsang O'Kan Kabswasa (1996, p. 14):

O idoso africano é o que melhor conhece a visão animista africana de universo, segundo a qual a vida é uma corrente eterna que flui através dos homens em gerações sucessivas. Mesmo antes do nascimento, o africano já faz parte deste processo: pertence a um grupo do qual é indissociável, não po-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

de ser separado dos que o precederam, nem dos que o irão suceder e os valores tradicionais o protegerão contra o abandono e a solidão. (SECCO, 1996, p. 14)

Outro aspecto relevante no conto e que tem um traço marcante na literatura de Mia Couto são as águas. As águas, segundo Pires Laranjeira (2001), permitem que suas obras trafeguem de forma segura nas verdades sonhadas e lembranças inventadas.

As relações de poder são bem claras no conto e apontam a construção da identidade moçambicana que está passando por mais uma luta de identidade e liberdade. Um país marcado de violência e que Mia Couto expõe de forma explícita as marcas dessas relações e da sua participação social dentro da literatura.

5. *A identidade e a obra literária*

A construção da identidade de um povo está sempre em transformação e está ligada ao momento histórico. A literatura retrata também um momento histórico e está intimamente ligado ao seu autor.

A posição social do autor é determinante na sua obra, pois a literatura também é um produto social. No conto, podemos analisar de forma lírica e suave o contexto em que a sociedade vive, seus costumes, sua cultura, sua realidade, sua identidade.

O conto utiliza-se do imaginário⁵⁵ e das palavras desse mundo ganham força e atribuem sentido. A literatura tem o poder de trazer dados históricos e articular-se com o imaginário.

Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2006, p. 13): "articula-se o entendimento de que os imaginários são construções sociais e, portanto, históricas e datadas, que guardam as suas especificidades, assumem configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e através do espaço".

A obra de Mia Couto tem uma função social e política clara e direta. Mostra nas entrelinhas do texto, o aspecto cruel da realidade moçambicana. A guerra multifacetada com vários recursos tecnológicos uti-

⁵⁵ Sandra Jatahy Pesavento (2006, p. 12) O imaginário encontra sua base de entendimento na ideia de representação. Neste ponto, as diferentes posturas convergem: o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade, sem com ela confundir-se, mas tendo nela o seu referente.

lizados para a destruição, ceifam a vida, a vida de animais, homens, mulheres e crianças.

Antonio Candido (2006, p. 35) afirma que:

[...] o autor se utiliza da obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas [...] se a obra é fruto da iniciativa individual ou de condições sociais, quando na verdade ela surge na confluência de ambas, indissolivelmente ligadas”.

No conto, Mia Couto, além de denunciar a guerra em si e suas consequências, ele abraça todos os sons, cores e sabores do real, interagindo a identificação do real e a ficção, num discurso narrativo, entre o narrador e o narrado.

6. Conclusão

Dentro conto de Mia Couto, foi possível conhecer a história moçambicana e como sua identidade cultural foi construída e está em processo de construção. A realidade da guerra e da luta marcaram a história de um povo que vive as cicatrizes dessa realidade histórica.

Mia Couto trouxe para a literatura um contexto social marcado não só pela guerra, mas pelas relações de poder que integram aquela sociedade, posicionando criticamente nas linhas do seu conto.

A realidade histórica nua e crua transcrita de forma lírica e poética marcada pelos traços culturais moçambicanos da realidade abordados com sabedoria proporcionando uma nova visão de pensar o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAUMAN, Zygmund. *A identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. In: _____. *Interrogando a identidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 70-104.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade, lembrança de velhos*. São Paulo: Quêluz, 1987.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

COUTO, Mia. O dia em que explodiu Mabata-bata. In: _____. *Vozes anoi-tecidas*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

_____. Mia Couto: professor, biólogo, poeta. Disponível em: <<http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2012/11/mia-couto-professorbiologopoeta-e.html>>. Acesso em: 05-06-2016.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

MACAMO, Elisio. *Entrevista sobre a identidade moçambicana*. Realizada no dia 15.05.2001 no Porto.

MOÇAMBIQUE. Portal do governo de Moçambique. Disponível em: <<http://www.portaldogoverno.gov.mz>>. Acesso em: 05-06-2016.

MONDLANE, Eduardo. *Lutar por Moçambique*. Maputo: Minerva Central, 1995.

_____. Tribos e grupos étnicos moçambicanos (seu significado na Luta de Libertação Nacional). In: MUIUANE, Armando Pedro. *Datas e documentos da história da FRELIMO*. 3. ed. rev., melh. e ampl. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 2009.

NGOENHA, Severino. Identidade moçambicana: já e ainda não. In: SERRA, Carlos. (Org.). *Identidade, moçambicanidade, moçambicanização*. Maputo: Livraria Universitária UEM, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: Edufu, 2006.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Síntese da história angolana: cronologia e alguns textos*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1996.